

05.) por PAULO MERISIO¹

Redes e afetos:

Relato do encontro no International Directors Seminar

Mannheim 2015

No 5º Seminário de Teatro para a Infância e Juventude da Trupe de Truões, dividi a fala na mesa-redonda intitulada "*Criação e redes de intercâmbio na Arte Contemporânea para crianças*" com Cleiton Echeveste, atual presidente do Conselho de Administração do Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude – CBTIJ²/ASSITEJ Brasil, em que apresentamos brevemente o papel e o funcionamento de diversas redes articuladas à Associação Internacional de Teatro para a Infância e Juventude – ASSITEJ³. Estas associações estão descritas no texto

1. Paulo Merisio – Diretor artístico da Trupe de Truões, integrante da Rede Iberoamericana de Teatro para Infância e Juventude e do Conselho Executivo (Board) ITYARN

2. www.cbtij.org.br

3. <https://www.assitej-international.org>

de Cleiton Echeveste desta publicação, e, portanto, decidi por relatar uma das experiências que vivi proporcionadas por estas articulações em rede.

Sou associado ao CBTIJ há muitos anos e meu primeiro contato com a ASSITEJ Internacional foi em 2008, quando fui selecionado para participar da Oficina de Temas Tabus no Teatro para a Infância e Juventude, realizado, neste mesmo ano, na Venezuela. Desde então tenho comparecido a vários e distintos encontros em que são discutidos temas ligados a este universo.

No debate que se configurou na referida mesa em que participamos no Seminário da Trupe, para além das redes institucionalizadas, foi apontada a importância desses espaços de compartilhamento de experiências para o estímulo na construção de redes de afeto, que acabam resultando, também, em parcerias artísticas. Simbolicamente, optei, neste texto, por narrar uma experiência que vivi em 2015, em Mannheim, na Alemanha, no Directors Seminar, evento bienal promovido pela ASSITEJ Alemanha. Neste profícuo encontro, conheci a diretora do grupo La Máquina, do México, Clarissa Malheiros, com quem, no ano seguinte, a Trupe de Truões constituiu uma parceria que resultou no espetáculo Zapato busca Sapato. Esta narrativa pretende aproximar os leitores do desejo de se vincularem a estas redes para que cada vez mais possamos fortalecer o campo do teatro para a infância e juventude.

International Directors Seminar

Mannheim 2015: um grande encontro

Em julho de 2015, portanto, representando o Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude (CBTIJ/ASSITEJ Brasil), participei do Seminário Internacional de Diretores de Teatro para Crianças e Jovens. Como dito, este Seminário ocorre bienalmente e é promovido pela ASSITEJ Alemanha, sendo abrigado por alguma cidade e/ou núcleo teatral. A cada edição escolhe-se um tema que inspira as discussões e experimentações cênicas, e, naquele ano, o encontro foi carinhosamente acolhido pelo núcleo de artistas que se dedicam à infância e juventude no Teatro Nacional de Mannheim: Schnawwl Theaterfür junges Publikum am Nationaltheater Mannheim. O evento³ foi realizado no período de 06 a 11 de julho de 2015 e o tema foi "*Progresso*".

Foi solicitado que cada diretor trouxesse de casa um objeto do tamanho de um punho que simbolizasse a ideia de progresso.

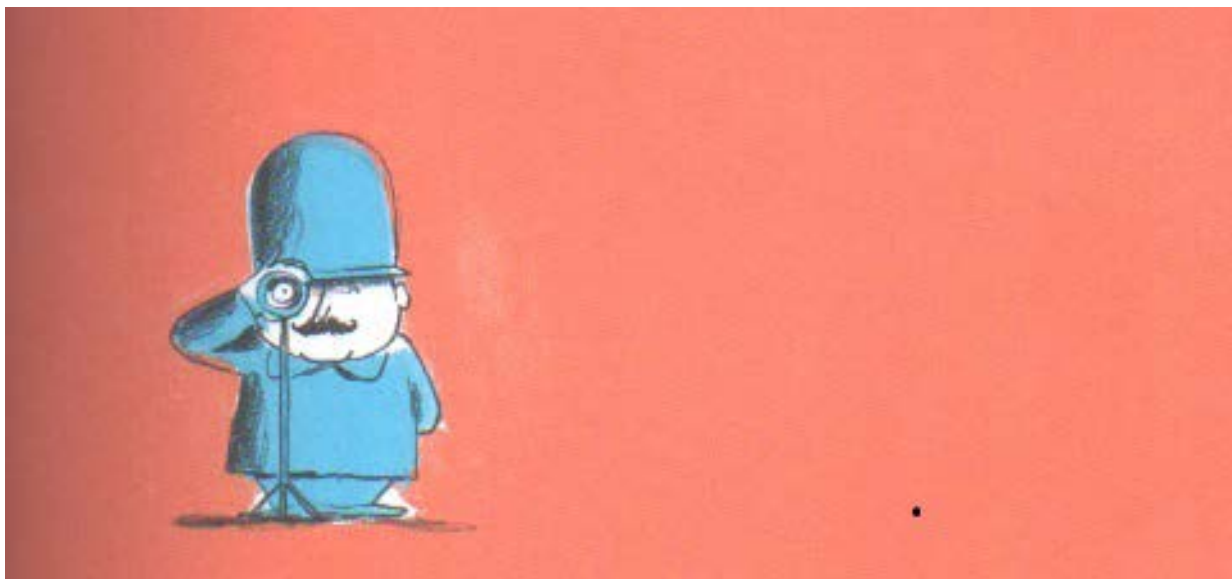
3. A lista de participantes do evento International Directors Seminar de 2015, em Mannheim, Alemanha, pode ser acessada em: <http://www.assitej-international.org/en/2015/07/international-directors-seminar-mannheim-july-6-11-2015/>

Iniciamos as atividades na segunda-feira, 06 de julho, às 17 horas. Todos colocaram seus objetos no meio da roda e tínhamos um minuto cada um para nos apresentarmos, descrever as razões da escolha do objeto e qual a relação com a ideia de progresso.

Nesta nossa primeira aproximação, identificamos algumas nuances em relação ao tema proposto: a ideia de progresso em uma perspectiva de avanço tecnológico – considerando-se, inclusive, as perdas humanas e sociais que acarretam –, a relação da temática com a possibilidade de se ampliar conceitos e, ainda, uma noção articulada a uma perspectiva de superação, da capacidade de ultrapassar limites, individuais e coletivos.

Fiquei um bom tempo pensando em qual objeto levaria, o que poderia representar a ideia de progresso, mas que também se articulasse com minha experiência no teatro para crianças. Lembrei-me que, em 1995, em uma disciplina de metodologia de pesquisa do curso de Mestrado (PPGAC/UNIRIO), um professor americano, Dr. Michael Litto, convidado para ministrar este curso, escreveu seu e-mail no quadro e nos perguntou quantos de nós tínhamos endereços eletrônicos. Lembro-me que todos nos entreolhamos, sem que houvesse vaga ideia a que ele se referia. Hoje, meu cotidiano tornar-se-ia inviável sem a utilização de meu e-mail. Assim, pensei em fazer uma espécie de álbum de fotografias – com fotos de minha infância, de meus sobrinhos e de espetáculos em que atuei e que dirigi no campo do teatro para infância – armazenado em um pen drive. Minhas memórias em um minúsculo objeto.

Ainda neste primeiro encontro, o grupo do Schnawwl Theater presenteou cada um dos participantes com um livro francês que narrava, por meio de imagens, a relação de dois soldados rivais: um azul e outro laranja. O livro, de autoria de Olivier Tallec, tem o título em alemão *Auf der mauer, auf der lauer*⁴, que faz referência a uma canção para crianças e tem uma tradução aproximada para "*atrás do muro, à espreita*".



4. TALLEC, Olivier. *Waterlo e Trafalgar*. Paris: Flammarion, 2012. As imagens que ilustram este texto pertencem a este livro.

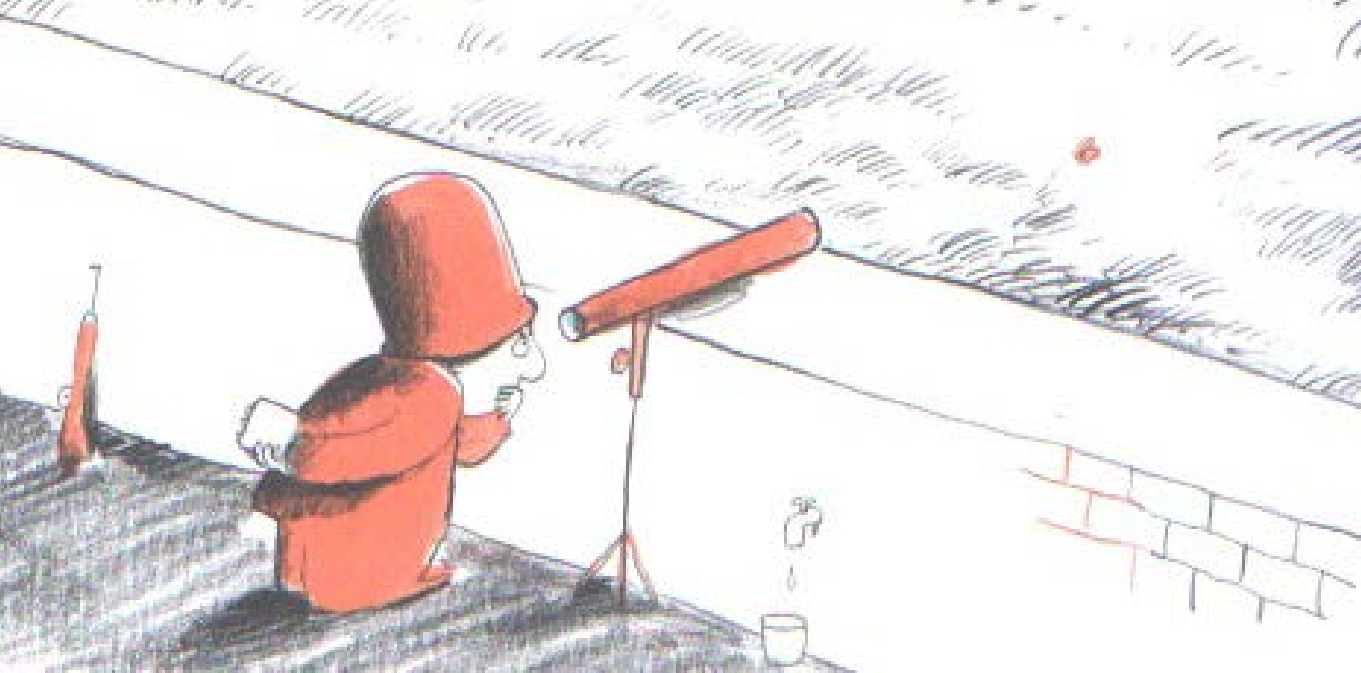
Fomos, então, divididos em três grupos de trabalho que se reuniriam ao longo de toda a semana para discutir e propor exercícios cênicos, tendo como fonte de inspiração o tema "Progresso" e o livro que ganhamos. A proposta era livre e cada grupo podia decidir sobre sua própria metodologia.



Terça-feira, 07 de julho de 2015

Antes de cada encontro, pela manhã, fazíamos um breve aquecimento em conjunto e assistíamos a um espetáculo. Em todas as apresentações ao longo da semana de trabalho, realizamos uma sessão de debate com atores e realizadores, momentos estes em que pudemos nos inteirar do processo de construção e das opções da encenação. Esta prática permitiu tanto o contato com diferentes produções da região, quanto a percepção dos diversos pontos de vista do grupo que participava no Seminário.

A partir daqui, meu relato será composto por partes que se dedicam somente às atividades do meu grupo – que ficou carinhosamente apelidado de "*grupo do lago*".

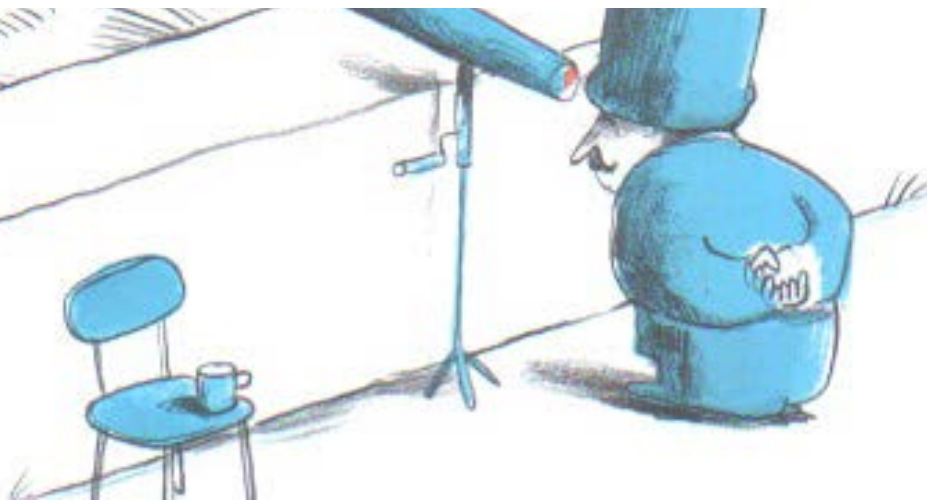


Sessões de trabalho 01 e 02

(14h30min às 16h00min e 16h30min às 19h00min)

Nosso grupo foi alocado em um espaço próximo ao teatro, uma espécie de Centro Cultural destinado a adolescentes (Forum der Jugend). Decidimos, neste dia, falar um pouco sobre a conjuntura da arte do teatro para crianças de cada país, tais como produções, financiamentos, temáticas. Escolhemos também nos debruçarmos sobre o livro, analisando página a página, procurando enxergar além das primeiras impressões.

Alex Desebrock (Austrália) ofereceu-se para tomar notas, em um quadro branco, sobre os aspectos mais importantes, o que se configurou como uma importante metodologia de registro. Após a análise de cada momento do livro, fizemos uma espécie de brainstorm de suas impressões, em que alguns aspectos se sobressaíram: a perspectiva estreita que cada telescópio propiciava para os soldados; pequenos detalhes em relação ao uso das cores, delimitando, num primeiro momento, os lados conflitantes; a estrutura dramatúrgica que resulta em uma aparente solução dos conflitos com o surgimento de um elemento híbrido – meio azul, meio laranja; a limitação do espaço comum formado pelos dois círculos concêntricos que passam a ser compartilhados, em oposição a um espaço muito maior e plural do lado de fora.



Mas um dos elementos que nos chamou atenção, ao entrar na história, foi um caramujo, de cor laranja, que é adotado pelo soldado laranja para ser seu animal de estimação. Depois de vários momentos de confraternização entre eles, o caramujo parte para o outro lado, indo ao encontro do soldado azul, que, ao vê-lo, decide matá-lo e comê-lo, e que, depois disso, ainda lança, para o outro lado, a concha do caramujo. Se, até este momento, os soldados pareciam estar apenas à espreita, aguardando, este ato do soldado azul fez com que o laranja se sentisse ofendido e o chamasse para o confronto. Sucederam-se, a partir disso, vários atos de enfrentamento entre os dois.

Simbolicamente, interessou-nos discutir e pensar qual seria o “caramujo” de cada um, qual situação colocar-nos-ia, efetivamente, em uma situação de confronto. Decidimos pensar mais demoradamente sobre isto e trazer nossas propostas e relevâncias sobre o tema no próximo encontro.

Quarta-feira, 08 de julho de 2015

Sessões de trabalho 03 e 04

(11h00min às 16h00min e 16h30min às 19h00min)

Na parte da manhã, retomamos as impressões acerca do livro. Evidenciou-se como uma questão forte o “ponto de mudança” que a participação do caramujo exerce na estória. Assim, dividimo-nos em duplas e propusemos que cada uma chegasse a um consenso sobre qual poderia vir a ser o seu “caramujo”, ou seja, um elemento deflagrador de um conflito entre as duas culturas envolvidas no duo.

Os resultados foram apresentados por meio de relatos, cenas e croqui de um desenho. Fiz dupla com Alex, da Austrália, e percebemos que nossos pontos de vista em relação à sociedade são próximos, mas o aspecto que surgiu como deflagrador de uma grande diferença entre culturas foi a violência, especialmente no que ela pode acarretar em termos de perda de liberdade. Assim, o “caramujo” seria a luta pela manutenção dessa liberdade que a segurança garante na Austrália, em contraponto a situações de risco no Brasil.

Na parte da tarde, o grupo decidiu realizar uma experiência ao ar livre e fez uma rápida viagem a um lago próximo. Alex propôs um exercício cujos resultados pudéssemos discutir posteriormente, associando-os aos temas do Seminário. Num primeiro momento

do exercício, tínhamos que buscar objetos que encontrássemos ali nas redondezas do lago e os colocar juntos, formando um círculo grande. Em seguida, após todos terem coletado os objetos, reunimo-nos em roda e foi proposto que fôssemos inserindo os objetos no meio do círculo, sem fala, realizando uma espécie de instalação. Essa proposta permitiu que nós percebêssemos melhor uns aos outros – especialmente pela ausência da fala – e que criássemos uma perspectiva de coletividade. Muitas vezes, algumas propostas mudavam o rumo do que vinha sendo elaborado, o que estimulou também um exercício de desprendimento das ideias individuais. Sem combinar, o grupo deveria indicar que o objetivo havia sido cumprido e que a instalação estava pronta. Depois, fizemos uma análise tanto das relações que tínhamos conquistado, quanto da obra que tínhamos elaborado coletivamente. Percebemos que havíamos atingido um interessante progresso nas nossas relações – que, pela diversidade cultural, implica em um salutar exercício de alteridade. Discutimos, ainda, a relação e o conceito de um trabalho comercial realizado para crianças, além de perspectivas estéticas predominantes em cada país ali representado. Ao fim deste dia profícuo, mergulhamos no lago.

Quinta-feira, 09 de julho de 2015

Sessões de trabalho 05 e 06

(9h30min às 13h00min e 14h30min às 18h00min)

Pela manhã, iniciamos as atividades com um clássico exercício de contação de histórias proposto por Lucia Lara (Espanha). Em roda, um componente iniciava uma história e a pessoa que estava do seu lado esquerdo sugeria: não foi bem assim, na verdade era..., e sugeria alguma proposta que mudava o rumo do que estava sendo contado. Fizemos uma rodada livre e, na segunda, a ideia era sempre ir e voltar às referências do livro *Auf der mauer, auf der lauer*. O jogo proporcionou a abertura da história para elementos poéticos e fantásticos inesperados. Ainda na primeira sessão, na segunda parte dos trabalhos, decidimos realizar uma prática de improvisação baseada nos viewpoints, metodologia articulada por Anne Bogart. Explorando a ideia de tabuleiro, com deslocamentos respeitando linhas verticais e horizontais (sem diagonais ou curvas), o grupo ia percebendo os três níveis que exploraríamos: linhas (andar/parar), arquitetura (níveis) e ritmo, acrescentando os diferentes passos gradativamente, sempre partindo da ideia de ação ou reação ao que estava sendo proposto. Como vínhamos em um trabalho contínuo em grupo, várias imagens geradas

na improvisação foram relacionadas com nossas discussões sobre o livro e a respeito da temática do progresso.

Na segunda sessão, iniciamos o encontro com a proposta de aquecimento de Nadeeka Mahamarakkalage (Sri Lanka), em que trabalhamos ritmos, dança e exaustão. Esses exercícios foram importantes para a sugestão de marcação do início da apresentação final (prevista para sábado, último dia do Seminário). Em seguida, realizamos uma nova sequência de improvisações, novamente inspiradas nos viewpoints. A proximidade entre o aquecimento proposto e a gestualidade específica das danças experimentadas acabou estimulando a presença simbólica do caramujo, personificado pela própria Nadeeka – em função de sua gestualidade peculiar – e que gerou uma disputa entre os participantes da improvisação.

Depois de levantarmos esse material, concentramo-nos em analisar todos os aspectos importantes que estivemos construindo. Voltamos à metodologia de anotar no quadro os elementos levantados, e Alex preocupou-se em solicitar a todos o seu ponto de vista, na medida em que este material subsidiaria nossa proposta a ser compartilhada com os outros grupos.

Em quais momentos da ação dos viewpoints estabelecemos relação com a história?

Sons de marcha militar (pessoas aderindo ao som gradualmente)
Pessoas impedindo a passagem – sendo o muro
Guerra (dois grupos rivais)
Muitos espreitando o homem azul, como olhando um telescópio
Tien andando de forma engraçada e os outros copiando – como militares Meike gostando de estar só
Ajudar a socorrer
Azul e laranja lutando, alguém pedindo para apertarem as mãos
Jogando o sapato como o ovo
Anne conduzida como um anjo
Espelhando e observando
Tentar andar junto é difícil
Cada um saindo de cena de cada vez – início de solidão

Ideias/questões solicitadas como trabalho de casa – inspirações para a cena final

Última página do livro
Começar com um muro
Toda a cidade ou dois grupos?
Emaranhar-se é perder a identidade?
Convite para o jogo x resistência
Alguns movimentos, como uma dança
Atores sendo manipulados como bonecos
Somos forçados/induzidos a olhar pelo telescópio – governo? mídia? Você só sabe o que você é capaz de ver
Laranja e azul voltam para suas cidades e são iguais

Sexta-feira, 10 de julho de 2015

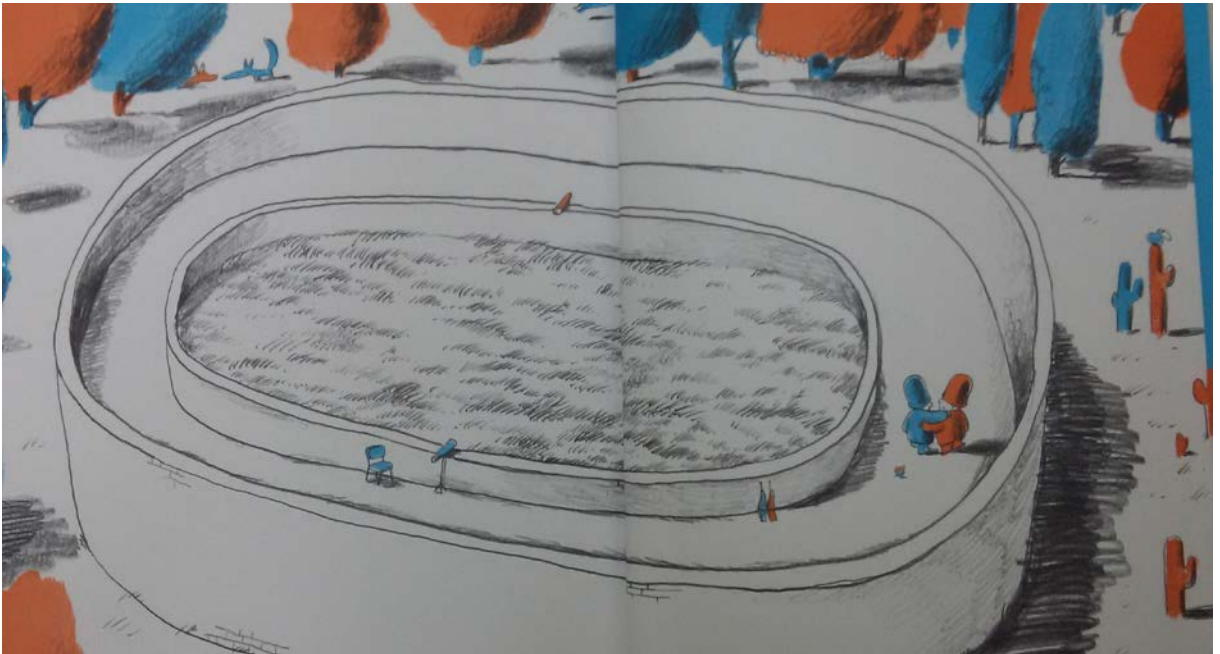
Sessão de trabalho 07

(16h30min às 18h00min)

Nesta última sessão antes do compartilhamento com os outros grupos, retomamos o debate. Fizemos uma primeira reunião no espaço em que discutíamos e levantamos ideias a explorar com base em imagens e ações que surgiram nas improvisações.

A partir desses pontos levantados, direcionamo-nos para a sala de ensaio. Experimentamos uma proposta de coreografia sugerida por Nadeeka para iniciarmos a apresentação. Depois, munidos das questões manifestadas nos encontros, definimos dois grupos opostos (que simbolizavam o azul e o laranja). No meio da improvisação, Nadeeka deveria criar movimentos coreográficos que a distinguisse dos demais, passando a simbolizar o caramujo. Haveria uma luta entre os dois grupos pela conquista do caramujo. Aos poucos, os componentes iam saindo de cena, dando a sensação de solidão e esvaziamento. Experimentamos esta estrutura na improvisação, que manteve as regras dos viewpoints – com a inserção de alguns movimentos – que vínhamos acessando. Na discussão, realizada depois da improvisação, ficaram evidentes duas qualidades de movimento: concretos e abstratos. Deste modo, dividimo-nos em dois grupos: os laranjas, que realizariam movimentos concretos, e os azuis, que executariam movimentos abstratos. Nadeeka teria liberdade de navegar pelas duas qualidades, mas, no meio da cena, deveria assumir o papel do caramujo, acionando suas partituras coreográficas. A estrutura da apresentação ficou assim organizada:

1. Uma linha – pessoas viradas para os dois lados, alternadamente, em grupos: Anne, Paulo, Tien, Uliç – Nadeeka – Alex, Kristian, Lucia, Meike
2. Início – coreografia/caminhando
3. Movimentos em linha, gestos concretos ou abstratos
4. Observando-se / Reagindo ao outro grupo / Copiando movimentos de seu grupo
5. Confrontação
6. Caramujo aparece
7. Briga pelo caramujo
8. Comer o caramujo



Sábado, 11 de julho de 2015

Nossa primeira atividade foi às 14h, e cada grupo teve ainda duas horas para finalizar a apresentação ou o feedback dos trabalhos realizados isoladamente. Compartilhamos, então, nossas cenas. Nosso grupo manteve a estrutura que foi organizada no encontro anterior, apresentando nosso ponto de vista sobre o livro e a ideia de progresso por meio de uma improvisação baseada no roteiro que criamos. Foi interessante perceber como os grupos trilham caminhos diferentes: um deles, por exemplo, concentrou-se em uma perspectiva dramatúrgica, explorando as vozes dos diversos elementos do livro, enquanto outro organizou uma espécie de manifesto cênico, trazendo discussões em relação à diversidade e alteridade.

Este relato é, evidentemente, um ponto de vista, recheado por dados que foram sendo coletados naquela semana. Mas um aspecto certamente é comum a todos os participantes: foi uma experiência única e indescritível compartilhar ideias, pensamentos, cenas e improvisações com artistas de

culturas tão diferenciadas. Saber que o teatro para crianças – ainda que enfrente antigos preconceitos por parte de alguns – possui, no mundo, tantos artistas comprometidos é inspirador. Durante a semana aprendemos a perceber o outro, não somente com a fala (que nem sempre se expressa da melhor forma quando não usamos nossa língua materna), mas também por meio de ideias, relações. Desconstruímos paradigmas. E espero que este relato tenha gerado, em outros, sementes que possam inspirar o desejo de aproximação dessas redes que nos articulam com nossos pares.

Por fim, agradeço à equipe do teatro Schnawwl que nos acolheu, em conjunto com a ASSITEJ Alemanha, pela impecável organização. A estrutura do Seminário, com espaços abertos para a construção coletiva, mostrou-se extremamente proveitosa. Momentos de criação, debate, reflexão, intercâmbio, e, não menos importante, longas conversas afetivas, permeando uma intensa semana de trabalho.

E, para concluir, deixo aqui expresso o mapa divulgado pela ASSITEJ Alemanha em seu endereço no facebook que exibe a geografia de nosso encontro:

